

Análise cognitiva de construções epistêmicas no Português do Brasil

Lilian Vieira Ferrari

Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil

1. Introdução

O presente trabalho propõe uma análise contrastiva de dois tipos de construções epistêmicas bastante produtivas no português do Brasil. A primeira delas apresenta a moldura sintática [SN [V [SN' SA]], tendo como complemento do verbo uma mini-oração ou oração pequena (Raposo, 2000; Foltran, 2001), como ilustra o exemplo abaixo:

(1) Eu achei [o livro interessante].

Nos termos da Linguística Cognitiva, tendo em vista que o processo cognitivo de mesclagem (Fauconnier & Turner 2002, Mandelblit 2000) envolve a integração de várias estruturas conceptuais em uma única unidade conceptual, admite-se que construções sintáticas do tipo exemplificado em (1) podem funcionar como molduras integradoras, permitindo a integração conceptual e linguística de uma seqüência complexa de eventos em uma única moldura de evento esquemática, marcada por uma construção sintática simples. Esse é o caso do exemplo acima, que ilustra estruturas que serão denominadas Construções Epistêmicas Integradas (CEI) no decorrer do presente trabalho.

O outro tipo de construção apresenta o verbo epistêmico em uma cláusula matriz que exige complemento sentencial direto. Essa construção apresenta a moldura sintática [SN V [COMP SN' COP SA]], como no exemplo a seguir:

(2) Eu achei que o livro era interessante.

Nesse caso, diferentemente do exemplo (1), a codificação dos eventos apresentados é expressa por uma construção em que há uma relação de subordinação sintática marcada pelo complementizador “que”. Sendo assim, ocorrências do tipo (2) serão rotuladas de Construções Epistêmicas Completivas (CEC).

Com o objetivo de analisar as CEI e contrastá-las com a CEC, o presente trabalho está dividido em duas seções. Em primeiro lugar, enfoca-se a noção de construção gramatical, retomando-se propostas de análise de redes construcionais (Goldberg, 1995); em seguida, postula-se que as CEI e as CEC semanticamente equivalentes, são pragmaticamente distintas, em função do Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995). A análise dessa diferença pragmática em dados conversacionais permitiu a

conclusão de que as construções epistêmicas integradas pressupõem experiência direta entre sujeito e fonte da conclusão, realizando atos de fala expressivos. Já as construções epistêmicas completivas indicam conclusões via experiência indireta, atenuando atos de fala assertivos.

2. A gramática das construções

O principal postulado teórico da Gramática das Construções, de acordo com as propostas de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), Fillmore & Kay (1993), Lakoff (1987), Langacker (1987), Goldberg (1995), Croft (2001), é que construções são correspondências especiais de forma e significado. Trata-se, portanto, de padrões sintáticos recorrentes de representações esquemáticas simbolicamente complexas. Nesse sentido, as construções em si mesmas acionam significados, independentemente das palavras que as compõem.

Vale ressaltar que não se coloca em questão a grande quantidade de informação fornecida por itens lexicais individuais. O que se argumenta é que uma abordagem baseada apenas no léxico não fornece explicações plenamente satisfatórias. Faz-se necessário reconhecer a existência de construções independentes, ou seja, estruturas semânticas particulares associadas a expressões formais específicas.

2.1. Redes de construções

Os teóricos alinhados à perspectiva teórica da “Gramática das Construções” argumentam que as construções gramaticais são tipicamente associadas a uma rede de sentidos intimamente relacionados, e não a um único sentido abstrato. Goldberg (1995, p.67) propõe os seguintes princípios psicológicos relevantes para a organização lingüística:

I. PRINCÍPIO DA MOTIVAÇÃO MAXIMIZADA – “Se duas construções são sintaticamente relacionadas, tais construções podem ser motivadas semântica ou pragmaticamente.”

II. PRINCÍPIO DA NÃO-SINONÍMIA – “Se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente.”

Como evidência da atuação do “Princípio da Motivação Maximizada”, Goldberg (1995) analisa as Construções de Transferência de Movimento Causado em inglês (“*John gave the book to Sally*”¹). A análise proposta pela autora demonstra que tais construções originam-se, via laço de herança metafórico, de Construções de Movimento Causado (“*John pushed the piano into the room*”²).

¹ Tradução: *John deu o livro a Sally.*

² Tradução: *John empurrou o piano para a sala.*

Por outro lado, o “Princípio da Não-Sinonímia” explica a existência de uma relação entre a Construção de Transferência de Movimento Causado (“*Joe gave the book to Sally*”) e a Construção Bitransitiva semanticamente equivalente (“*Joe gave Sally the book*”³). Tendo em vista que as construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, prevê-se necessariamente uma distinção pragmática entre ambas. De fato, as pesquisas mostram que essa diferença parece existir, já que a Construção de Transferência de Movimento Causado tende a ocorrer quando o recipiente é foco e a Construção Bitransitiva quando o foco é o objeto transferido (Erteschik-Shir, 1979).

3. Contraste pragmático entre construções epistêmicas integradas e completivas

Para análise do contraste entre CEI e CEC, retomemos aqui o Corolário A, do Princípio da Não-Sinonímia, proposto por Goldberg (1995, p.67):

“Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então não devem ser pragmaticamente sinônimas”

Assumindo-se a validade do princípio acima, é de se esperar que construções do tipo ilustrado em (1) estabeleçam com as construções do tipo ilustrado em (2) uma distinção pragmática. Observemos as construções semanticamente sinônimas em questão:⁴

(1) Eu achei o livro interessante.

(2) Eu achei que o livro era interessante.

De fato, a análise de dados conversacionais⁵ demonstrou que as Construções Epistêmicas Integradas do tipo ilustrado em (1) realizam atos de fala expressivos, em que o falante expressa um sentimento advindo de uma experiência sensorial direta (visão, paladar, audição, etc). Já as Construções Epistêmicas Completivas (CEC) realizam atos de fala assertivos, modalizando as opiniões apresentadas. Nesse sentido, pode-se dizer que a estrutura “eu acho que” assume o papel de angulador (“hedge”), cuja principal função é atuar como estratégia de proteção de face.

³ Tradução literal: *John deu Sally o livro.*

⁴ A Linguística Cognitiva questiona a existência de uma fronteira rígida entre semântica e pragmática. Entretanto, a noção de equivalência semântica está sendo utilizada aqui com a finalidade de captar a intuição dos falantes nativos de que as sentenças em questão têm sentidos aproximados.

⁵ Utilizei o Corpus Rocha (2003), que disponibiliza transcrições das interações conversacionais entre participantes do Programa de TV “Big Brother Brasil I”.

Para ilustrar a distinção proposta acima, retomemos dois exemplos do corpus analisado. O exemplo (3), a seguir, apresenta uma série de Construções Epistêmicas Integradas:

(3)

K: esse quadro aí é de quem”

A: meu

K: o de baixo”

A: qual”

L: não’ o de baixo é da Té

A: [esse é da Estela

K: ah’ o de cima é seu

A: é

K: ah eu gostei do meu’ num é querer falar não’ o meu (+) ficou punk viu

A: [eu acho o teu lindo

K: ficou manero né’ não todo mundo ficou legal’ mas cada um gosta do seu mais

A: eu gostei mais do teu

K: o meu ficou maneiríssimo’ (+) mas eu gostei (incompreensível) também’ o que eu menos gostei foi o da Helena véi’ num vou mentir véi’ esse de baixo aí’

A: é

K: né” esse de baixo aí eu num (+) simpatizei muito não’

A: eu gosto de mais cor

K: é’ eu também

L: esse de baixo eu achei muito assustador (2.0)

A: achei angustiante

L: é

ANDRÉ: mas de uma certa maneira é uma

KLÉBER: (arte)

ALESSANDRA: [é o objetivo

ANDRÉ: é o que”

KLÉBER: uma arte’ um objetivo

ALESSANDRA: é o objetivo dele’ ele me falou

ANDRÉ: [então’ é (se é arte não é arte) totalmente arte né’ porque arte tem tem essa coisa de mostrar uma emoção

Na interação acima, os participantes conversam a respeito de vários quadros e das suas reações emocionais aos mesmos. As CEI apresentam sujeitos em primeira pessoa, e os sintagmas adjetivais “lindo”, “muito assustador” e “angustiante” refletem a avaliação dos participantes em relação às pinturas. Trata-se, nesses casos, de construções que expressam reações emocionais à percepção dos objetos de arte em questão e, por isso, as CEI surgem nesse contexto.

Já no exemplo (4), a seguir, uma CEC aparece em contexto de discurso reportado, no qual uma das participantes reporta a sua própria fala:

(4)

T: aí eu falava tá bom

L: porque

T: porque eu queria ter feito isso eu queria proteger a gente (Leka ri) eu gosto muito de você (Leka ri) aí eu falei Leka ó eu só me **eu só achei que você tava distante o dia inteiro**

No exemplo acima, o falante T reporta sua própria fala em uma conversa que havia tido com L no dia anterior, já que a ingestão de bebida alcoólica fez com que L esquecesse detalhes da referida conversa.

Tendo em vista que a conversa havia girado em torno de um assunto delicado, envolvendo problemas de relacionamento entre L e T, ao relatar a conversa, T busca atenuar a crítica que teria feito em relação ao comportamento de L, a fim de não colocar em risco a retomada da amizade.

É interessante notar, no exemplo acima, que o item “só” integra o angulador “eu achei que”, constituindo um recurso adicional para modalizar a opinião que o falante teria expresso na conversa que está reportando. Vale observar, ainda, que a construção integrada (“*eu achei você distante o dia inteiro*”) teria valor semântico semelhante à construção utilizada, mas não seria pragmaticamente adequada nesse contexto, porque reforçaria a crítica ao invés de atenuá-la.

4. Conclusão

Este trabalho enfocou construções epistêmicas no português do Brasil, dividindo-as em Construções Epistêmicas Integradas (CEI) e Construções Epistêmicas Completivas (CEC). Consistentemente com o paradigma da Gramática das Construções, demonstrou-se que a diferença sintática e a equivalência semântica entre os dois tipos de construções apontam para distinções pragmáticas. Observou-se que as CEI sinalizam conclusões decorrentes de experiências diretas do falante, enquanto que as CEC constituem recurso modalizador, na medida em que criam uma moldura epistêmica para a atenuação de atos de fala assertivos.

Referências Bibliográficas

- BOLINGER, D. L. (1968). Entailment and the Meaning of Structures. *Glossa* 2: 119-127.
- CLARK, E.V. (1987). The Principle of Contrast: A Constraint on Language Acquisition. In B. Mac Whinney (ed). *Mechanisms of Language Acquisition*, 1-33. Hillsdale, N.J: Lawrence Erlbaum Associates.

- CROFT, W. (2001). *Radical Construction Grammar; Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- ERTESCHIK-Shir, N. (1979). Discourse Constraints on Dative Movement. In T. Givón, ed., *Syntax and Semantics, 12: Discourse and Syntax*, 441-467. New York: Academic Press.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1994). *Conceptual Projection and Middle Spaces* (Technical Report 9401). San Diego: Department of Cognitive Science, University of California.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1996). Blending as a Central Process of Grammar. In Goldberg, A. (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, 113-130. Stanford: CSLI.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1998). Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science* 22(32), 133-187.
- FAUCONNIER, G & Turner, M. (2002). *The Way We Think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books.
- FERRARI, L.V. (2003). A Linguística Cognitiva e o Realismo Corporificado: Implicações Filosóficas e Psicológicas. *Revista Veredas* 9, v. 5, n. 2. Juiz de Fora: Edufjf. 23-29.
- FILLMORE, C. & Kay, P. (1993). *Construction Grammar*. Ms, University of California, Berkeley.
- FILLMORE, C., Kay, P. & O'Connor M.C. (1988). Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions. *Language* 64: 501-538.
- FOLTRAN, M. J. (2003). Relações de predicação. In: Muller (ed.). *Semântica Formal*. Contexto: São Paulo.
- GOLDBERG, A. (1995). *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press.
- HAIMAN, J. (1985). *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- LANGACKER, R. (1987). *Foundations of Cognitive Linguistics*. Vol. I: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- MACWHINNEY, B. (1989). Competition and Lexical Categorization. In R. Corrigan, F. Eckman, and M. Noonam, eds., *Current Issues in Linguistic Theory*, Vol. 61: *Linguistic Categorization*. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science, series 4. Amsterdam: John Benjamins.
- MANDELBLIT, N. (1997). *Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation*. Unpublished Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego.

- MANDELBLIT, N. (2000). The Grammatical Marking of Conceptual Integration: From Syntax to Morphology. In *Cognitive Linguistics* vol. 11-3/4.
- MARMARIDOU, S. (2000). *Pragmatic Meaning and Cognition*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- MÜLLER, A. L. (2003). *Semântica Formal*. Contexto: São Paulo.
- PUTNAM, H. (1981). *Reason, Truth and History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAPOSO, E. (1992). *Teoria da Gramática: Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.